

A heurística de um Marionete¹, à maneira de Francis Ponge²

Philippe Choulet
Université de Strasbourg



Prólogo Primeiro (2016). Caixa do Elefante Teatro de Bonecos. Direção de Paulo Balardim. Foto de Gisele Knutez.

¹ A palavra “marionete”, ao longo do texto, restará com o sentido amplo designado pelo uso francês da expressão, referindo-se às formas animadas. N.T.

² Texto traduzido por Paulo Balardim, ator e encenador integrante da Caixa do Elefante Teatro de Bonecos (RS). Doutor em Teatro e professor de graduação e pós-graduação nas disciplinas de Teatro de Animação na UDESC.



Prólogo Primeiro (2016). Caixa do Elefante Teatro de Bonecos. Direção de Paulo Balardim. Foto de Gisele Knutez.



Iava o encanto das águas (2012). Cia. Lumiato Teatro de Formas Animadas, Brasília – DF. Direção de Alexandre Fávero. Foto de Diego Bresani.

Resumo: Neste artigo, tentamos descrever a gênese de uma pesquisa sobre os bonecos e as “descobertas” que resultam disto. Se, por um lado, a pesquisa é solitária, ela também é perpassada de múltiplas vozes. O primeiro problema é o de formular os problemas de modo novo. O segundo problema constitui-se em trazer conceitos adequados, às vezes à partir de sua própria cultura, às vezes através do dom de agarrar as boas ideias que passam: é necessário cultivar a arte do *Kairós*, do momento propício, da boa ocasião... O artigo apresenta, ao mesmo tempo, a ficção do monólogo interior, as reflexões metodológicas transcendentais e o processo de pesquisa propriamente dito.

Palavras-chave: Bonecos. Instruir. Aprender. Ética. Arte-terapia.

Abstract: In this article, we try to describe the genesis of a research on Puppet and the "discoveries" that result from it. If, on the one hand, research is a lonely process, it is also transpassed by multiple voices. The first problem is to formulate the problems in a new way. The second problem is to bring appropriate concepts, sometimes starting from their own culture, sometimes through the gift of grabbing good ideas that pass by: it is necessary to cultivate the art of *Kairos*, the right time, the good moment ... This article presents at the same time, the fiction of interior monologue, the transcendental methodological reflections and the research process itself.

Keywords: Puppet Theatre. Instruct. Learn. Ethic. Art Therapy.

Prefácio

Entregar um texto, um livro a uma publicação, a um editor, é entregar um resultado, um produto supostamente terminado, perfeito: não deixamos os andaimes ao entregar a casa. Silêncio sobre a gênese. Nietzsche: o que é perfeito não é suposto ter sido

feito... Não mostramos o *work in progress*, o esboço do trabalho, os processos de pesquisa, a heurística das ideias... Difícil presunção. Façamos uma exceção, uma vez que é precisamente de pesquisa que se trata. E também sabemos que os esboços são tão reveladores quanto os produtos acabados...

Existem vários tipos de pesquisadores e pesquisas. A forma dominante, na qual o modelo é científico, é aquela do laboratório dos Centros de Pesquisa. Há também o trabalho coletivo, feito da dialética intersubjetiva entre trabalho individual solitário e confrontação recíproca das hipóteses e descobertas (em um Colóquio, por exemplo)... Aqui será entregue apenas uma pesquisa pessoal - mesmo que o trabalho intelectual jamais seja completamente solitário: Existem em nós os livros, as idéias, os espetáculos, os encontros, logo, a sábia humanidade... Nossa interioridade é múltipla, à vários nomes (Nietzsche). Proust falou de um "*moi feuilleté*"³... Existe muita gente... Como investigamos na solidão?

Estas notas restituem um trabalho silencioso, privado, íntimo, secreto - no limite do indizível... Não se trata de dizer tudo, pois esta pretensão estaria condenada ao fracasso, devido à astúcia e à máscara de auto-consciência, que nunca dirá tudo, seja porque ela não se atreve, seja porque algumas intuições não são incluídas no discurso. Sartre disse, a partir das revelações da micro-física, que a observação sempre intervém sobre aquilo que é observado, transforma-o, modifica-o. A reconstituição deste trabalho subterrâneo é necessariamente ficção e artifício, como a cena de um crime. Certamente é necessário supor um pouco de inocência e franqueza... Nós podemos trabalhar apenas por aproximação e dedicar-nos essencialmente aos marcos e aos momentos decisivos. Um modelo de uma escrita deste tipo é a obra de Francis Ponge, *Méthodes*. Tento restituir um primeiro olhar, aquele das associações, das relações, das analogias e das diferenças, manter um pouco de distância, também. Primeiro olhar que expressa

³ Uma tradução literal seria "eu folhado", referência às várias camadas. N.T.

meu universo mental, intelectual e teórico, bem como o labirinto do meu método, apesar do risco de narcisismo (o "eu" é odioso quando se considera o centro, disse Pascal) ou de obscenidade ("colocar o traseiro sobre a cômoda", disse Genet).

Eu escolhi, para mostrar a lógica da pesquisa no campo da Marionete, expor o início do trabalho de descoberta ou de invenção de uma pesquisa sobre a arte-terapia, sobre o cuidado de outro homem e, portanto, de si mesmo... como outro, através da Marionete - um trabalho encomendado por amigos do Québec e que deverá ser entregue no final da primavera de 2016.

Eles me pedem um título e um argumento: o prescritor sempre coloca a carroça na frente dos bois, uma vez que, em última análise, supõe (*sic!* para o oxímoro) que já se descobriu, que já se sabe de antemão o que se vai contar, enquanto que, quando recebemos uma encomenda, somos sempre uma galinha em frente à uma faca, num momento de estupefação e de sideração (às vezes com uma vontade pessimista de desistir: Um nada parece uma montanha).

Como eu tenho que intervir duas ou três vezes, os títulos e argumentos que serão dados compõe um sistema. Eu tenho um título geral - que não requer trabalho: *O cuidado de si pelo Teatro de Marionetes*. Sabendo que eu me apoiarei sobre o Winnicott de *Jeu et Réalité*, o segundo título chega rapidamente: *O boneco como um objeto transicional*. No entanto, o terceiro título me escapa.

Eu digo "o título não requer trabalho", porque algumas descobertas não necessitam de busca por esta simples razão: O estado da mente é o resultado de anos de trabalho, de aprendizagem, de cultura, de leituras, de investigações. Pensamos isso de imediato, confiantes, obviamente. A obviedade é fácil, disse Descartes... Não existe feitiçaria para extrair temas genéricos, isso libera da intenção de conjunto - imaginemos Beethoven dizendo: "Bem, desta vez, uma Sinfonia"! Mas, entrar nos detalhes, sentir os problemas como novos e inéditos (mesmo que ninguém tenha tido o intento de ser um revolucionário, sem o novo, para que escrever bem?), trazer conceitos adequados, avançar gradativamente na escuridão,

eis que exige mais concentração e até mesmo um descentramento.

Começando a "agitar o frasco" (expressão de Céline), penso em Pascal e Nietzsche (1971, p. 199, § 277): É apenas no fim que encontramos o que devemos colocar no começo..., eu faço seguidamente a lista das virtudes necessárias, como um estóico em vias de admoestar, apenas para se preparar, como um esportista. Será necessário recomeçar de novo, a cada dia, porque na pesquisa, de uma vez por todas, não se começa (Spinoza e Bachelard contra Descartes). Mas eu tenho a experiência destes labirintos, eu sei que é necessário ser paciente: Eu sei que o fruto cairá da árvore em um momento ou outro, e se este não é o bom fruto, será um outro - mas tudo isso eu saberei no momento propício, ou bem mais tarde... Eu sei que minha mente é um "recurso bastante bom" para avançar na geleira das ideias: Eu tenho "pensamentos por trás" (Pascal), "pensamentos voadores" (Leibniz). Bachelard sempre me acompanha: A mente tem sempre a idade de seus preconceitos, a opinião é antiga, enquanto que a ciência está constantemente rejuvenescida, ela sempre recomeça. Deve ser isso, o desejo. Mas também é preciso de um pouco de modéstia para ser capaz de capturar as boas ideias que passam... A arte de kairós, do momento certo, da oportunidade certa... Como Pasteur disse, o acaso favorece apenas a mente preparada... E a paciência também, sob a forma de uma passividade ativa: Quando eu era estudante, tinha um pequeno livro verde, intitulado A espera das ideias, com um desenho de uma "tenda de ideias" na capa... Em confiança: a alma sempre pensa - Ainda Bachelard (1929, p. 5): "Não são as coisas que vêm para nos surpreender, mas é o espírito que constrói a sua própria surpresa e se prende ao jogo de perguntas". E da flexibilidade, da adaptação, da desconfiança de qualquer dogmatismo, pois algumas descobertas podem entrar em conflito com outras - e será necessário escolher. Goethe (1943), certa vez disse: "Quem persevera na sua busca, é levado cedo ou tarde a trocar de método", ou Norge (1990, p. 172): "Suficientemente trilhado! Como não encontramos o método certo, é necessário

escolher outro. Um método impróprio ainda parece melhor do que nenhum método. Você manca, mas você caminha”. Seguimos.

Nota: Coloco a ficção do monólogo interior entre as reflexões metodológicas transcendentais e a pesquisa propriamente dita... Este monólogo interior revela as condições de possibilidade destes pensamentos e, para assinalá-los, estarão sublinhados.

1. Encontrar um título

Esta é a primeira questão. Cuidado para não aborrecer. Atrair a atenção do público... a virtude aperitivo de uma chave, a virtude atrativo de um gancho (Pascal)⁴... para dar as chaves para os ouvintes, eu tenho que captar o interesse, encontrar algo simples, direto, fácil, evitar aquilo que é abstrato demais, o "transcendental" (refletimos sobre o fazer e não fazemos!). Vem-me rapidamente Montesquieu: "Como se pode ser persa?", questão de espanto, mesmo artificial, como uma fúria dissimulada. Essa é a minha matriz. Encontrar um conteúdo. Já tenho marionetes. Agora, como fazer para passar do "como" ao "marionete"? Penso no efeito do boneco sobre o sujeito, embora eu já saiba que o boneco não será mais do que um meio, um intermediário: Mostrar, mover, falar, revelar, sugerir, expressar, distrair, divertir... sim, mas eu estou longe da arte-terapia, muito genérico. Eu penso no cuidado, cura, resiliência, educação, formação, edificação, redirecionar, corrigir... mas muito formal, eu sei que não é o que quero dizer. Eu quero um termo que seja eletrochoque, que indique uma explosão de verdade na mente, porque afinal de contas, trata-se de uma auto-transformação. Sobretudo, não esconder a violência. Eu sei, com Nietzsche, que o pudor das origens (*pudenda origo*) é um truque de defesa da mente. Iniciar não seria mal. Mas muito formal ainda, pois o discurso e o *gestus* da marionete são mais complexos e variados. Então, surge instruir. A ver: Há tanto o lado formal (o instrutor, a iniciação) quanto o lado do conteúdo do verdadeiro conhecimento (fazer aprender). Além disso, a instrução é detestável hoje em dia,

⁴ *la vertu apéritive d'une clé, la vertu attractive d'un croc*

por isso é uma boa razão adicional para tomá-la (mas eu não esqueci os verbos anteriores, que serão incluídos). Então, eu tenho: Como podemos ser instruídos por um marionete? Bem, eu sinto falta de um grão de sal... porque assim, sente-se o professor e o instrutor... Eu penso na magia, magia branca, magia negra, estranheza dos efeitos, feitiços de bruxaria, e surge o diabo => como, diabo, podemos ser instruídos por um marionete? Ufa, eu tenho meu título (a ser validado).

2. Como ...

Começo pelo escolar... é meu hábito, minha dobra. Mesmo que eu saiba que não apresentarei, no dia, as coisas nesta ordem. Isso me dá uma estrutura básica, uma base, de onde eu poderei decolar, delirar, extravagar, passear... Como tem dois significados: de onde vem (origem, fonte) e de que maneira (o modo). O primeiro significado me perturba, inquieta-me: que trabalho! Eu puxo o fio da fonte: Por que os primitivos tiveram a ideia de usar recursos da animação (fantoques, bonecos, manequins, máscaras, totens articulados, etc.) para dizer verdades aos membros da comunidade? Eu digo "para dizer verdades", porque não trata-se apenas de contar histórias... Eu amo a frase de Walter Benjamin (1979, p. 297): "Podemos contar tudo para os homens, mas não podemos dizer-lhes nada"... De onde surgiu esta ideia para os homens? Pergunta para os marionetistas de hoje, de outra época,... Mas muito metafísica, que conduz ao abismo, não sendo a origem uma causa. Ela se permite pensar, sonhar, imaginar, mas ela não se deixa conhecer... A amplitude do trabalho me desencoraja - e esta talvez ainda não seja a questão a ser posta! Vejamos o segundo significado, a maneira, pois depois de tudo, se a marionete é uma maneira, um estilo, uma forma de in(ter)venção, uma mídia (como diria Mc Luhan), é porque ela parece responder a uma necessidade ou desejo (imediatamente, é uma primeira resposta para a questão da origem: Qual necessidade rege o uso da marionete?). Particularmente, eu gosto desta maneira, especialmente aqui, com a marionete! Sonhemos, viva o brainstorming... Modo da mão,

movimento da mão, jogo de mãos, prestidigitação (virtuosismo dos dedos), movimentos de mágica, torção (de espírito), envio de sinais, indicação (reenvio ao índice), manipulação, mãos limpas e mãos sujas... Eu selecionarei em seguida. Eu sei que o material revela coisas, esperemos que isso se decante, deixemos a massa repousar para crêpes... Em todo caso, eu vejo que existe um fio vermelho do *como* até *instruir*...

3. ... podemos ...

Eu não ficarei no básico, verei o que acontecerá: procurar é indutivo (do particular para o geral, ou melhor, do caso singular ao universal - sim, é verdade ... - melhor ainda , do dado ao imprevisível. É assim que Brecht o chamou, "teatro indutivo"). Jamais dedutivo (do geral para o específico - o teatro de tipos, o teatro burguês, previsível...). O verbo "poder", aqui, tem dois significados: um sentido físico (capacidade => a marionete pode realmente ensinar, ou não? Pode produzir este efeito, este evento? Eu gosto da idéia de evento, eu guardo-a) e um sentido moral (ela tem o direito? Ela é legítima para fazer isso? Aqui eu sinto o sabão na tábua: se a marionete é um boneco inerte, um mecanismo, como dar-lhe o direito de instruir?... como a criança e o animal, o boneco não é realmente um sujeito de direito (mas o adulto é um sujeito de dever!) - no entanto, é uma criatura menor a quem se tem deveres, ou melhor, através do qual devemos assumir suas responsabilidades, especialmente se for o cuidado. A ética está no horizonte, é bom, isso fecha o meu círculo problemático, isso me dá um programa). Eu sei que começarei pelo sentido físico, que é menos problemático, mais "real" e mais comprovado, já que, afinal de contas, é um fato que os homens usam marionetes para tratar (ou para alienar, mas este é o lado escuro da magia...). Além disso, esta ambivalência me leva à "nós" Quem é este "nós"? Obviamente, o espectador, saudável ou doente, pleno ou deficiente, sólido ou frágil, criança, adulto, velho, o que ainda sei? Mas, estou autorizado a permanecer lá, não posso estender este "nós" ao próprio

marionetista, ao fabricante de marionetes (mesmo aqueles que não são do meio: George Sand, Paul Klee, Georg Grosz, Nikolaus Harnoncourt, por exemplo), ao ilusionista do teatro? Dizer que viemos apenas tratar é também uma forma de influencia, de tornar dependente. Os médicos de Molière e Knock nunca estão longe... a questão terapêutica e a questão política se misturam, é a questão do público cativo, e eu os reuni sob a questão ética: o que estou fazendo quando eu digo que estou tratando por meio do ensinamento da marionete? Já posso ver a fertilidade da pista e dessa questão, mas eu me canso antes de ter que formular tudo isso, encontrar as palavras certas... Eu penso em Chaplin, a quem perguntamos: "Como você faz para encontrar todos estes *gags*? - O pensamento é sempre o de loucura ". É necessário dizer isso aos jovens investigadores, garantindo-lhes: a loucura é rara e distante, mas é verdade que o *ilinx*, a vertigem, às vezes é muito absorvente.

4. ... ser instruídos...

Aqui, eu sinto que vai ficar mais complexo... Por que, então, eu me detenho tanto a este ato, instruir? Porque a minha geração é a da "Instrução pública" pervertida agora em "Educação nacional". Principalmente, porque renunciamos à instruir para levar assistência educacional às famílias que relaxam sobre esta exigência. Sim, existe isso. Mas como eu faço um trabalho intelectual, as motivações subjetivas pesam pouco e não interessam para ninguém, especialmente porque elas são reacionárias. O que me interessa é aprender. Instruir é fazer aprender, às vezes os saberes (teórico e prático), às vezes, as habilidades (técnicas e práticas). Instruir é fazer entrar violentamente sementes de verdades nas mentes cheias de preconceitos (Eu repenso em Bachelard: o espírito da opinião é velho de seus preconceitos). É forçar a mente a se reformar, à mudar seu ponto de vista, à se deslocar... Eu penso em Kant, a segunda máxima do senso comum: pensar se colocando no lugar de qualquer outro (o que ele chama pensamento estendido). Ideia genial. Não uma invenção, mas uma descoberta, a da evidência

que está aqui, na nossa frente, que é óbvia e que não vemos, cegos que somos... E aqui eu sinto que tenho a minha pista principal: instruir é indicar o caminho da verdade, é orientar no pensamento, no conhecimento e no saber, na prática e na técnica (inventar sua marionete, sua máscara), é inverter a representação que, antes, eu tinha do mundo, das coisas e dos seres... Já está em Platão e na alegoria da caverna: obrigar, forçar o prisioneiro a virar a cabeça em direção ao verdadeiro. O segredo do que eu espero do teatro de marionetes está aí: ensinar-me o mundo e as relações humanas, ensinar este mundo - e não apenas me fazer apreciar a vista de um belo espetáculo estetizante... Instruir o espectador da era científica, diz Brecht. O teatro de marionetes seria capaz de me ensinar, à sua maneira, esses conhecimentos que são indispensáveis... não somente a minha cultura, mas a minha liberdade de pensamento, à educação do meu julgamento, a minha distância crítica frente aos outros homens e à realidade que nós devemos enfrentar? Quando eu digo "eu" eu penso em outro homem também, eu me considero como outro homem (que está em mim). Relembro a fórmula de Diderot: "divertir e instruir". Dirão-me "positivista" - bem, então, sim. Especialmente quando eu penso no poder infernal da superstição, da ignorância e dos manipuladores de todos os tipos (mais uma vez, o boneco pode ser alienante e todos os espetáculos de marionetas não são instrutivos - mesmo se eles são reveladores de alguns enganos ou dandismos ...). Eu vejo que a vantagem da instrução é que a noção funciona como um filtro crítico: eu expulso arte pela arte, o estetismo formal e dominante, mas também a neurose do conteúdo, da "mensagem". McLuhan tem razão, "meio é a mensagem", "a mensagem é o meio, mas, precisamente, não é a mensagem que é necessário cuidar (este é o erro dos stalinistas), é o meio, isto é, a forma, o estilo, a escrita, o sentido material plástico e gestual, o discurso poético, a presença, a intensidade, o ritmo, os personagens, as máscaras, etc. Pois, fiel ao pensamento alargado de Kant, vou tentar "colocar-me no lugar" de um paciente de arte-terapia: Então, o que ele faria com a masturbação estéril do

mundo dos dândis e dos conectados? A questão da instrução é ética (eu bem sabia que iria chegar lá), especialmente se é do cuidado que se trata. E nós não intervimos de nenhum modo no universo pulsional, nervoso, psíquico, imaginário e simbólico do outro. Um dos verdadeiros direitos humanos é o direito à verdade. Nada melhor do que a instrução pelo teatro e no teatro (ver e fazer, jogar e admirar, observar e fabricar).

5. ... por um marionete?

Em primeiro lugar, eu penso no paradoxo: por a marionete como um instrutor (mesmo que tenhamos conhecido instrutores que eram verdadeiros bonecos. E o mesmo com professores maternas e outros professores, hélas!) mesmo que saibamos muito bem que é um objeto inerte, não-vivo, uma coisa sem pensamento, que toma emprestado a palavra, um mecanismo articulado (além de, por vezes, possuir os fios visíveis!). Não é realmente a marionete que instrui, mesmo se ela nos revele alguma coisa: isso não seria mais do que a necessidade de objetos transicionais entre eu, o mundo e os outros... A marionete nos esconde outra coisa, ela é a cena, e teríamos que ver / mostrar a sala de serviço, os bastidores, a maquinaria. O boneco é um pretexto, uma tela que envia imagens E que serve de tela. Nós sabemos que, aquele que instrui, é o marionetista, ou melhor, é a sua arte, o seu discurso, o seu estilo... Nós sabemos, mas nós não queremos acreditar. Como ocorre com a morte: Vivemos como se fôssemos imortais... Então, eu preciso de um módulo intermediário entre o espectador, o marionete e o marionetista... O que faz com que eu creia ser instruído pelo marionete enquanto que é o manipulador que puxa os fios? O que produz este estranho efeito é a ilusão. Ah, este é o conceito que eu preciso. Pressinto muitos paradoxos. Há boas ilusões (o amor verdadeiro, a arte), que são ilusões lúdicas; existem más ilusões, elas são ilusões alienantes. Pior ainda, como posso ser instruído em / por uma verdade por meio da ilusão? Como pode a ilusão de ser um pilar do conhecimento? Para todos, a ilusão é o erro, o engano,

a astúcia traiçoeira, mas eis que agora ela tem uma positividade, ela é operatória, ela é uma condição do prazer e do conhecimento - bem como a perspectiva e a teoria das proporções na pintura...

O osso para roer está aqui: a ilusão é desvio. Este será o meu programa de trabalho. Não se pode lutar contra uma paixão a não ser por meio de outra paixão mais forte; só podemos lutar contra uma ilusão devastadora com outra ilusão, mais revigorante... Este trabalho de pesquisa inicial se limita a determinar caminhos e a organizar a lista de tarefas. Então, eu enfrento aqui, precisamente, a necessidade da arte-terapia - o problema universal do deficiente. Pensar em Joë Bousquet (1981, p. 25): "Na medida em que o aceita, o homem penetra na profundidade de sua natureza, que é a negação. Portanto, não seja você, se você não quiser estar perdido. (...) O desejo inerente a cada um dos seus atos "não ser o que eu sou." / "Conseguir enamorar-se de sua própria vida".

O segredo da ação / do efeito da marionete está no deslocamento imaginário do sujeito, no seio de um espaço transicional e dinâmico organizado por dois pólos, a marionete e o sujeito humano... Questão de utopia e de atopia: o espaço invisível (onde aparece o sentido) para além do objeto e do corpo do marionetista, espaço elusivo, imaginário e simbólico, mas muito eficaz (mais do que o espaço físico concreto). O espírito não tem lugar, não pode ser encontrado e, como Deus, está em todos os lugares. Conforme Valéry (1960, p. 814): "Quem olha para sua mão se vê estar ou agir ali, onde não está. Quem pensa, se observa naquilo que não é". A marionete permite ao sujeito que age/ que olha, deslocar-se para fora de si mesmo, sustentar uma outra posição/situação, descentralizar o seu próprio olhar. É uma ajuda para re-criar a si mesmo, deixando a patologia atrás de si - seja doente (patológico) ou saudável/normal (uma vez que também existe um normal patológico...). Última tarefa, portanto, a mais difícil: classificar as formas do normal e do patológico - Freud: o homem normal é aquele que aprende a amar e a trabalhar. A marionete é um concentrado de ética na medida em que orienta

o olho interior em direção ao essencial: aprender alguma coisa de verdadeiro, e ser transformado nisso, apaziguado, mais forte. Eu penso numa frase de Freud, recordando Spinoza: quando conhecemos, estamos além do amor e do ódio, porque estamos inteiros na investigação... (e na pesquisa!)

Rapsódia final

Eu me transporto ao final, no qual eu começo - a pesquisa deve ter um propósito. Finalmente (*sic!*), meu objeto é "positivo" no sentido de que ele não cultiva a ruim alegria da humilhação da consciência, que encontramos em Kleist e em Kantor. Alegria clássica, cínica, lógica e normal - é necessário começar por isso para entender alguma coisa graças à mecânica do boneco e ao seu poder de revelação.

Em contraste, a ideia da marionete como um objeto transicional para a arte-terapia é uma ideia otimista, é uma forma de lidar com os homens, uma maneira de esquecer por um instante as relações de poder para oferecer um "viver juntos" respeitoso do imaginário de cada um e do simbólico que nos liga a todos.

Eu vejo uma analogia entre o infinito do cuidado psíquico e o infinito da pesquisa das ideias para ajudar os homens (a ética como horizonte do pensamento): Sartre (Crítica da razão dialética), sobre os processos de diástole/sístole da sociedade (aumento/diminuição, produção e criação/destruição, entropia negativa/entropia) falou de totalização/destotalização e de retotalização do conhecimento, das experiências e da prática. Ideia muito precisa. A Marionete, como processo de produção de uma comunidade não exclusiva, quem acreditaria nisso?

Continua no Quebec...

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich . *Par delà Bien et Mal. Œuvres Philosophiques Complètes*, T. VII, Paris: Gallimard, 1971, § 277, p. 199.

- BACHELARD, Gaston. *La valeur inductive de la relativité*. Paris: Vrin, 1929, p. 5.
- GOETHE, Johann. *Maximes et Réflexions, n° 551, trad. Bianquis*. Paris: Gallimard, 1943.
- NORGE, Les Cerveaux brûlés (1969), “*Pour la décision*”, Paris: Gallimard, coll. Poésie, 1990, p. 172.
- BENJAMIN, Walter, *Lettre du 16 juin 1939 à Bernard Brentano, Correspondance*. Paris: Aubier, 1979, T. 2, trad. G. Petitdemange, p. 297.
- BOUSQUET, Joë. *La Connaissance du soir (en-tête)*. Paris: Gallimard, coll. Poésie, 1981, p. 25. (A primeira citação está assinada por seu pseudônimo, Basile Sureau. A segunda citação provém de conversas privadas com Jean Paulhan - portanto, sem referência).
- VALÉRY, Paul. *Mauvaises Pensées et autres* (1942). Réed. dans *Œuvres de Paul Valéry*. Paris: Gallimard, coll. La Pléiade, T. II, 1960, p. 814.